

Considerações sobre a hybris e modernidade

Emerson Cesar Santana de Melo

Giovanni Vella

Coro: Muitos são os assombros, no entanto nada é mais assombroso do que o homem (...).

(Antígona – 1º episódio)

A filosofia moderna se desenvolveu em um período de intensas transformações sociais. A política, religião e as relações humanas foram profundamente influenciadas pelos avanços proporcionados pela revolução científica, a reforma protestante e a descoberta do “novo mundo”. Na Itália, o espírito inovador do renascimento recolocou o Homem como medida de todas as coisas. O mercantilismo econômico foi fundamental no acúmulo primitivo de capital, que possibilitou a expansão marítima para a exploração de regiões apartadas da Europa Ocidental, o crescimento econômico tornou possível à classe artística desenvolver habilidades nas artes plásticas como: arquitetura, escultura, pintura etc. A idade moderna também foi um período de alto desenvolvimento Tecno-científico. Os autores do Humanismo propuseram avanços nas questões morais, enfatizando a dignidade e valor racional dos seres humanos. Esse cenário inovador foi propício à revolução científica, cujo ecos reverberam na contemporaneidade.

O impulso humano por conhecimento fez com que a espécie melhorasse radicalmente as condições de vida na terra, a técnica colocou as leis da natureza nas mãos da humanidade, a racionalidade dissipou o nevoeiro de dúvidas que ocultava do saber humano a cura de doenças, a nossa posição no sistema solar, mistérios da química e da física. Mas até onde é possível o esclarecimento? Existe um limite para a racionalidade? Para a reflexão de problemas tais é de grande valor o pensamento trágico elaborado na Grécia antiga, o mito nos traz um conhecimento que coloca em xeque o orgulho pelo conhecimento “além da conta”. A condição de fragilidade

humana, e a superioridade da ordem cósmica em relação ao indivíduo são temas que nos incitam a meditação dos limites do conhecimento, e o preço a ser pago pela desmedida do saber.

A dominação da natureza por parte dos seres humanos é fruto das experiências acumuladas pela espécie, o conhecimento e familiaridade às leis naturais se fez necessário à sobrevivência dos seres humanos desde o período pré-histórico. Mas foi no pensamento moderno com sua ênfase no protagonismo humano, que a ciência passou a adquirir as características que estão presentes na contemporaneidade. O filósofo francês René Descartes (1596 – 1650), um dos maiores nomes do pensamento ocidental, contribuiu enormemente para a fundamentação filosófica do domínio ativo da natureza. Em seu *Discurso do método* enfatiza a necessidade de identificação e compreensão das leis naturais, a fim de proporcionar melhor qualidade de vida aos homens, seja na criação de artificios como no conhecimento e funcionamento do corpo-máquina para o combate às doenças.

Pois elas (as leis da natureza) me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida e que, no lugar dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, pode-se encontrar uma filosofia prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam tão distintamente como conhecemos os diversos ofícios de nossos artesãos, poderíamos empregá-las da mesma maneira em todos os usos para os quais elas são apropriadas e, assim, tornar-nos como que mestres e possuidores da natureza. (Descartes, 2018, p,112)

Por meio da observação sistemática da mecânica do mundo, o conhecimento adquirido possibilita a emancipação do Homem frente aos fenômenos naturais. O saber outrora oculto e misterioso, é desvelado pela racionalidade. A filosofia prática referida por Descartes proporciona a prevenção frente aos fenômenos naturais, bem como torna possível o combate às doenças que assolam o corpo. Se lembrarmos da sabedoria trágica dos gregos, os ideais modernos de dominação técnica da natureza para a serventia da humanidade possuem uma dimensão de desmedida. Na tragédia grega, as paixões incontroláveis, a arrogância e a soberba levam o herói a cometer o ato de *hybris*. O excesso e orgulho desmesurado elevam-no ao mais alto píncaro, mas o que se segue após a elevação é a própria queda. “não voe muito perto do sol”, foi o conselho malgrado de Dédalo ao seu filho Ícaro.

Com este termo, intraduzível para as línguas modernas, os gregos entenderam qualquer violação da norma da medida, ou seja, dos limites que o homem deve encontrar em suas relações com os outros homens, com a divindade e com a ordem das coisas. (ABBAGNANO, 1970, p. 495)

Na tragédia *Prometeu acorrentado* de Ésquilo, o titã diz ao coro que “por amar demais os homens” recebeu um castigo eterno de Zeus, líder dos deuses do olimpo. Prometeu ao ver as injustiças sofridas pelos homens, pois comparados a outros seres que habitavam a terra, não possuíam habilidades específicas, por isso se revolta diante da situação. Comovido pelos sofrimentos e dificuldades pelos quais padeciam os mortais, ele rouba a centelha do fogo divino e concede aos homens conhecimento das ciências, artes e a esperança. Ésquilo pela voz do titã, descreve os benefícios que esse ato impiedoso proporcionou aos humanos, “em seus primórdios tinham olhos, mas não viam, tinham os seus ouvidos, mas não escutavam, e como imagens dessas que vemos em sonhos viviam ao acaso em plena confusão” (ÉSQUILO, V. 575 – 580). Por seu amor aos homens Prometeu se revolta, mas sua compaixão introduz um desequilíbrio entre os seres mortais. A fragilidade humana frente às forças da natureza pode agora ser revertida pelo conhecimento e domínio do fogo.



(Prometeu acorrentado, pintado por Peter Paul Rubens (1611–1612). Prometeu recebeu um castigo eterno por roubar a centelha do fogo sagrado dos deuses e entregar aos homens, o fogo representa a racionalidade e a inteligência, que na mão dos mortais causam o desequilíbrio na Terra).

Sendo o mito já produto do esclarecimento, pois “Os mitos, como os encontraram os poetas trágicos, já se encontram sob o signo daquela disciplina que Bacon enaltece como o objetivo a se alcançar” (Adorno e Horkheimer, 1985, p.20), pode-se traçar paralelos entre a desmedida e o processo de emancipação humana, de uma razão instrumental no desenvolvimento com o potencial de alienar o indivíduo de sua própria existência. Na tragédia grega, a tomada de consciência do herói se faz pela revelação de sua própria humanidade presente em seus atos, o destino implacável conduzido pelas moiras se concretiza. Em certo momento da peça *Édipo Rei* de Sófocles, após desvelada a terrível verdade que lhe abatia, o infeliz Édipo clama: “Ah! Destino!... Em que negros abismos me lanças?” (SÓFOCLES, V. 1552) porém por mais irremediável que seja o destino, ele foi de encontro ao que deveria evitar, o sábio Tirésias tentou alertá-lo: “...como é terrível a sapiência quando quem sabe não consegue aproveitá-la!” (V. 377), mas foi tudo em vão. Ter solucionado o enigma da esfinge fez com que Édipo se esquecesse da sua própria humanidade, então os deuses fizeram com que recordasse a sua condição de sombra efêmera. Essas reflexões podem nos ajudar a pensar sobre a finalidade do progresso da razão, levando em consideração a finitude humana, e o possível desastre ecológico.

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investilos na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. (Adorno e Horkheimer, 1985, p.17)

Nosso tempo, vem colhendo consequências da instrumentalização da razão. O desenvolvimento irrefletido nos levou às guerras violentas, crises e exploração. A tecnologia como produto da ciência proporcionou inúmeras comodidades, mas também estamos diante de novos problemas por ela introduzidos. A literatura e o mito podem nos oferecer caminhos para reflexão do peso da liberdade humana. No clássico romance *crime e castigo* de Dostoiévski, o jovem estudante Raskolnikóv tem um sonho onde é levado de volta aos tempos de infância, ao ver uma pobre égua ser espancada até a morte, chora e se comove diante de tal ato, mas o esforço de sua

consciência foi em vão, o sonho não impediu que ele cometesse o duplo assassinato da velha agiota e sua irmã, pensava ele que estava acima do bem e do mal, porém estava enganado, o seu sonho no início da narrativa não impediu o crime, mas mesmo assim sofreu o terrível sentimento de culpa. O jovem Hamlet afirma ser um brinquedo dos deuses quando tudo ao seu redor começa a dar errado, porém o príncipe melancólico havia se esquecido que o único culpado de sua tragédia tinha sido ele próprio, ele escolheu seguir pelo caminho da vingança, o ódio obnubilou seu juízo.

Existe limite para a liberdade humana? Qual deve ser a direção ou a finalidade da emancipação racional? A dominação da natureza talvez possa ser entendida como uma transgressão perante forças que estão além da compreensão humana, podemos nos questionar como Nietzsche ao pensar *A filosofia na idade trágica dos gregos*, “Não é todo o processo universal um castigo da *hybris*? E não é a multiplicidade o resultado de um crime?” (NIETZSCHE, 2018, p.46). Seria a imprudência e o orgulho uma característica imutável do ser humano? é difícil responder, ao menos pode-se pensar como tudo é vento que passa.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- DESCARTES, René. **Discurso do método & Ensaio**. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2018
- ÉSQUILO; SÓFOCLES; EURÍPIDES; ARISTÓFANES. **O melhor do teatro grego**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013
- MAUTNER, Thomas. **Dicionário de filosofia**. Originalmente publicado pela Penguin Press, uma chancela da Penguin Books Ltd, 199. Lisboa: editora edições 70, 2011.
- Moura, M.C.; Araújo, O.L. **A desobediência prometeica e a liberdade tirânica**. Letras Escreve. Macapá, 73, 2021
- NIETZSCHE, Friedrich. **A filosofia na idade trágica dos gregos**. Textos filosóficos 11.1 ed. Lisboa: Edições 70, 2018.